

**FATORES DETERMINANTES
DA VIOLÊNCIA INTERPESSOAL
ENTRE JOVENS NO DF**



FATORES DETERMINANTES DA VIOLÊNCIA INTERPESSOAL ENTRE JOVENS NO DF

Brasília, 6 de dezembro de 2006



**ENTENDENDO AS CAUSAS
PARA ENCONTRAR
SOLUÇÕES**

5

VIOLÊNCIA EM ONDAS

13



**O PAPEL DA FAMÍLIA
E DA ESCOLA**

21



27

**O PERFIL
DA VIOLÊNCIA**



35

**VOZES DO
DISTRITO FEDERAL**

METODOLOGIA

43



APRESENTAÇÃO

Disposto a participar da construção de um futuro melhor para o Brasil, o Grupo CAIXA SEGUROS encomendou pesquisa para identificar quais fatores deixam esse amanhã – representado por nossos jovens – mais vulnerável à violência. O objetivo era despretensioso: traçar um perfil dessa parcela da população para subsidiar a criação do programa social da Companhia. Ao final dos trabalhos, no entanto, tínhamos um estudo muito mais amplo nas mãos.

Pela primeira vez, uma pesquisa sobre juventude – de rigor científico – faz um diagnóstico dos fatores que influenciam rapazes e moças a cometer, sofrer ou testemunhar atos de violência física. Os dados são reveladores. Para cada ano de reprovação na escola, a taxa de violência entre rapazes e moças aumenta em 2,7%. Ao contrário do que aponta o senso comum, o indicador que mais expõe o jovem à violência não é o ambiente onde ele vive ou a renda familiar, mas os aspectos comportamentais, como o uso de drogas, armas de fogo e o consumo de bebidas alcoólicas. Todas essas informações são inéditas no Brasil e podem ajudar na definição de políticas públicas ou projetos sociais. Por isso, decidimos torná-las pública.

Outra constatação importante do estudo: 50,2% dos jovens que cometem agressões já sofreram algum tipo de violência. Ou seja, eles reproduzem com os outros as agressões das quais são vítimas. O local onde praticamente todas as formas de exposição à violência ocorriam eram na rua perto de casa. Os principais alvos, nestes casos, são os vizinhos, os amigos e os policiais.

A compilação dos resultados da pesquisa está ajudando a nortear a nova política de atuação social do Grupo CAIXA SEGUROS, que será lançada no primeiro semestre de 2007. Nosso objetivo, agora, será diminuir a exposição dos jovens a situações que geram a violência. O programa – que se chamará “Jovem de Expressão” – fugirá do padrão assistencialista para investir no desenvolvimento pessoal do jovem em um momento decisivo de sua vida: a escolha pela violência ou pelo caminho do estudo/trabalho. Essa intervenção será feita a partir da construção de espaços onde ele possa se expressar por meio da arte e encontrar apoio psicológico para resolver problemas, angústias e conflitos pessoais. A pesquisa é clara: auto-estima a juventude do Distrito Federal tem de sobra (70%). O que falta são oportunidades para desenvolver todo seu potencial.

Thierry Claudon

Presidente do Grupo CAIXA SEGUROS



“ Eu tenho um passado que, se pudesse, apagaria. Tudo começou por volta da sexta série, quando tinha uns 13 anos. Em um jogo de futebol, peguei um cone de estacionamento e bati nas costas de um menino mais velho. A partir daí, comecei a ser perseguido por uma gangue da Asa Norte, da qual esse garoto fazia parte. Eles abriram meu supercílio e fui parar no IML. E a perseguição não parou por aí. Para não ficar apertado, comecei a fazer jiu-jitsu e a tomar bomba. Rapidinho, fiquei mais forte e era muito bom na luta. Daí, comecei a impor respeito. Era tão bom em briga que nem precisava andar de galera. Sozinho, dava conta do recado. Meu pai me dava “altos esportos” e dizia que machuca queimava neurônio, mas eu não acreditava. Só quando entrei na faculdade vi as besteiras que estava fazendo com a minha vida. Nas aulas de bioquímica, aprendi que anabolizante faz a gente ficar forte, mas tira o gás e nos deixa violentos. Quando parei de usar, fiquei muito melhor na luta e até ganhei campeonatos na minha modalidade. Também nas aulas descobri os reais efeitos das drogas e nunca mais quis chegar perto delas. Quando penso nos motivos que me levaram a ter uma vida tão louca, fico meio sem resposta. Tenho um ótimo pai e nunca me faltou nada. Acho que foi um pouco de influência dos amigos. Eles oferecem um cigarrinho e, para não ficar de fora, a gente acaba aceitando. Mas é tudo uma questão de escolha. ”

C.R., 20 anos, Asa Norte

ENTENDENDO AS CAUSAS PARA ENCONTRAR SOLUÇÕES

Ela está sempre ao nosso lado, não importa a classe social, a cor da pele ou a religião. A violência é uma ameaça constante ao futuro da família brasileira. As estatísticas são alarmantes. As agressões físicas contra jovens são responsáveis, hoje, por cerca de 70% dos óbitos na faixa etária dos 15 a 24 anos. Apenas em 2004, 15.528 brasileiros de 15 a 24¹ anos morreram por causa de acidentes, crimes ou suicídio causados por arma de fogo, o que resulta na taxa de 43 mortes por 100 mil habitantes². Em busca de respostas, foram realizadas dezenas de pesquisa para mostrar quais são os tipos de violência

¹ Relatório Final da Comissão Especial Destinada a Acompanhar e Estudar Propostas de Políticas Públicas para a Juventude da Câmara dos Deputados Versão 10/11/2004.

² Mapa da Violência 2006 - Organização dos Estados Ibero-Americanos - 16/11/2006

mais comuns entre os jovens, quem são as vítimas mais freqüentes e como ela está presente nas escolas. Faltava, porém, um estudo que revelasse não apenas os efeitos, mas as origens e os fatores que aumentam as chances de o jovem se envolver com esse problema.

A pesquisa “Determinantes da violência interpessoal entre os jovens do DF”, encomendada pela CAIXA SEGUROS, é a primeira no Brasil a mostrar quais variáveis aumentam as chances de uma pessoa entre 18 e 24 anos testemunhar, praticar e sofrer atos de violência interpessoal, ou seja, entre pessoas conhecidas. O estudo dialoga perfeitamente com a nova tendência internacional de promoção da saúde, que adota modelos estatísticos tradicionais para estabelecer de forma precisa e mensurável quais comportamentos expõem esse público a situações de vulnerabilidade. Dessa maneira, será possível traçar estratégias eficazes de intervenção para mudar as atitudes e o pensamento de um grupo, antes que ele venha a optar pela violência.



Questão de saúde pública

A violência está intimamente associada a questões de saúde públicas. Ela provoca mortes, aumenta o número de atendimentos hospitalares, causa debilidades físicas, sofrimento e até problemas mentais. Justamente por isso, a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) defende que o tema faça parte das políticas de saúde pública de um país.

Uma das ferramentas mais eficazes à elaboração de uma política pública, segundo a organização, são as pesquisas de determinantes. “Estudos como os da CAIXA SEGUROS diferenciam-se dos demais porque escapam à tradicional investigação de sintomas e avaliação de riscos”, explica o consultor de promoção da saúde e desenvolvimento sustentável da OPAS, Fernando Rocabado. Segundo ele, quando uma pesquisa avalia determinantes, ela pode auxiliar não apenas na prevenção e no tratamento de um problema pontual, mas na elaboração de uma política pública.

A OPAS mantém, atualmente, uma oficina de projetos de prevenção à violência sediada em Washington. A pesquisa “Determinantes da Violência Interpessoal entre jovens no Distrito Federal” será analisada pelo grupo e pode ajudar na definição das estratégias de intervenção do organismo – integrante dos sistemas da Organização dos Estados Americanos (OEA) e da Organização das Nações Unidas (ONU).

Contrariando o senso comum, a pesquisa – realizada com 1.067 jovens de oito regiões administrativas do Distrito Federal – revelou: o indicador que mais expõe o jovem da capital à violência não é o ambiente onde ele vive ou a renda familiar, e sim suas escolhas pessoais. As mais importantes, nesse contexto, são o uso de drogas, o consumo de bebidas alcoólicas e o porte de armas. Em seguida, aparecem as relações com a mídia, com a família, a escolaridade e o acesso ao trabalho.

Comportamentos que explicam a violência entre os jovens

Fatores	Influência para o testemunho, sofrimento ou prática de atos violentos interpessoais.
Pessoais	1º
Mídia	2º
Familiares	3º
Escola	4º
Trabalho	5º
Comunidade	Não é significativa
Religião	Não é significativa



O estudo revela, ainda, que as escolhas pessoais dos jovens explicam em 11,08% os casos de agressões físicas por eles cometidas. Sete variáveis apresentaram associação significativa com o comportamento violento. São elas:

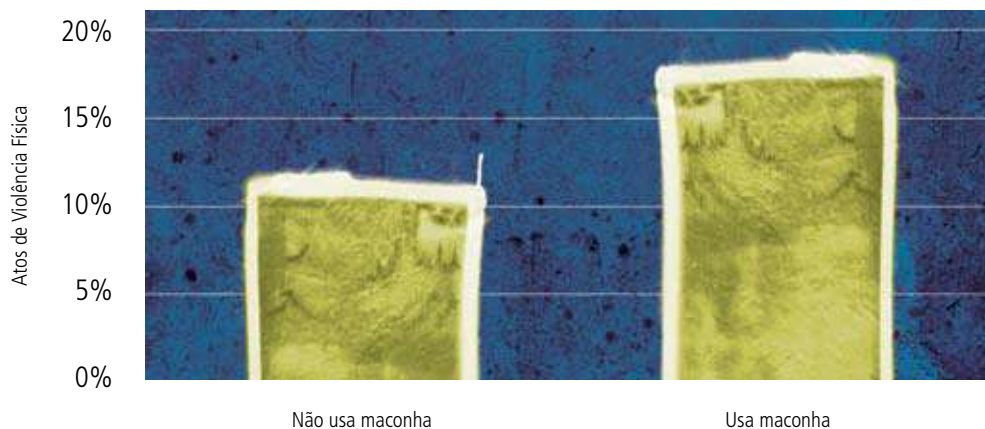
Fatores comportamentais de ordem pessoal que mais influenciam o jovem a cometer atos de violência física contra alguém.

Variáveis pessoais	Relação com a realização de atos de violência
Utilizou arma de fogo	+15,1%
Andou/anda armado	+10,7%
Usa/usou cocaína	+10,6%
Jovens do sexo masculino	+9,3%
Usa/usou maconha	+6,7%
Falta de referência pessoal	+6,2%
Usa/usou álcool	+4,8% (considerando um jovem que beba duas vezes por semana durante um ano. De acordo com a pesquisa, o consumo de álcool aumenta em 0,05% por dia a chance de um jovem praticar violência).

As armas de fogo, de acordo com os dados levantados, são a principal causa da violência interpessoal entre os jovens na capital do país. A utilização ou o porte desse artefato aumenta em 25,8% as chances de uma pessoa entre 18 e 24 anos agredir fisicamente alguém. Isso ocorre porque as armas “empoderam” de forma negativa essa parcela da população, que fica mais propensa a cometer atos violentos pela certeza de estar em vantagem – ou pelo menos em igualdade de condições – com a vítima. O acesso às armas foi reportado por 8,4% dos entrevistados. A maioria consegue o objeto na vizinhança (55,4%) ou nas próprias casas (29,3%). Mais da metade dos jovens que andaram com armas de fogo (55,7%) utilizaram-na de alguma maneira.

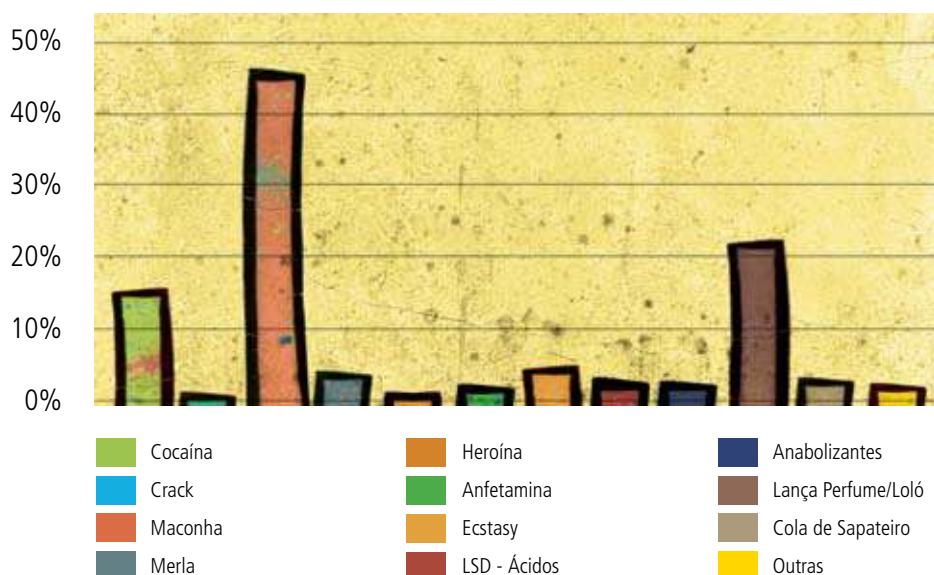
Já o uso de drogas ilícitas, como maconha e cocaína, aumenta em 17,3% esse tipo de comportamento. É importante notar que apesar de a maconha ser considerada uma substância de efeito “tranqüilizante”, o seu consumo aumenta em 6,7% as chances de um jovem agredir alguém fisicamente. O dado confirma um estudo do Instituto Holandês de Saúde Mental (*Trimbus*) publicado neste ano no *British Journal of Psychiatry*. Segundo ele, no dia seguinte ao consumo da cannabis surgem comportamentos agressivos e o consumidor pode partir para a delinquência. Quanto maior o consumo, maior a agressividade.

Porcentagem de Jovens que Cometeram Atos de Violência Não Usa/Usou Maconha x Usa/Usou Maconha



É importante destacar que 76,3% dos jovens entre 18 e 24 anos do Distrito Federal que admitiram fazer uso de drogas ilícitas fumam maconha. Os outros produtos mais procurados pelos entrevistados da capital são o loló/lança-perfume (31,7%) e a cocaína (25%)

Distribuição Proporcional por Tipo de Droga Usada

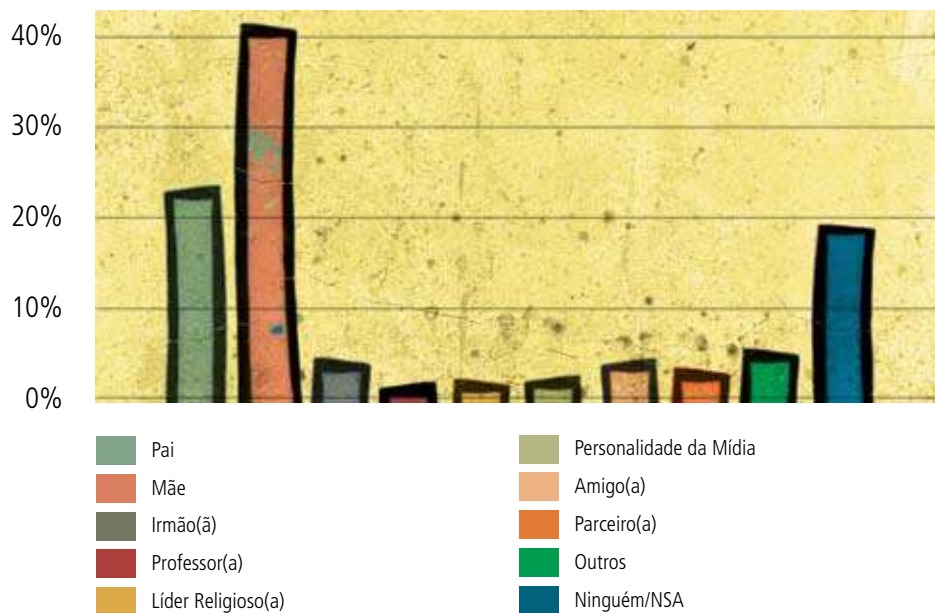


O consumo de álcool também é um fator importante para explicar a geração da violência, pois age de maneira progressiva sobre as taxas de agressão. De acordo com o estudo da CAIXA SEGUROS, o hábito de beber aumenta em 0,05% por dia a chance de os jovens do DF partirem para uma agressão física. Supondo, por exemplo, que um rapaz de 18 anos saia para beber com os amigos todos os fins de semana, ele teria 4,8% mais chances de cometer um ato de violência no período de um ano. Se bebesse diariamente, essa propensão saltaria para 18,5% no primeiro ano, e assim progressivamente.

Por fim, a falta de referências pessoais aumenta em 6,7% as chances desse grupo desrespeitar o próximo fisicamente. O fato de um indivíduo ter um modelo no qual se espelhar muitas vezes evita que ele tome uma atitude agressiva. Se a referência for positiva, ele tentará se parecer ao máximo com ela e pensará duas vezes antes de fazer algo que desagrade essa pessoa.

No Distrito Federal, a principal referência dos jovens é a mãe (41,1%). Em seguida, aparece o pai com 18,9%. Na hora de conversar sobre problemas pessoais, a figura materna continua aparecendo como a mais influente, com 32,9%. Já a paterna despenca para a quinta posição, atrás dos amigos (28,1%), do parceiro(a) (12%) e dos irmãos (6,9%). Os que disseram conversar com os pais "às vezes", "quase sempre" e "sempre" ressaltaram que os principais assuntos abordados são trabalho, questões familiares e escola (nesta ordem), enquanto sexo, drogas e violência são temas menos discutidos. A margem de erro da pesquisa é de três pontos percentuais para cima ou para baixo.

Distribuição Proporcional por Referência Pessoal



A importância da figura paterna

O fato de as mães serem a principal referência (41,1%) dos jovens no Distrito Federal é visto com algo preocupante pelo psiquiatra e antropólogo Adalberto Barreto, da Universidade Federal do Ceará. "Ao falarem disso, eles revelam a ausência física ou simbólica da figura paterna", explica. "E como o pai, na vida de uma pessoa, simboliza a lei, esses jovens estão dizendo que cresceram sem limites." Barreto conta que a mãe é mais presente na vida criança, que costuma ver o filho como um prolongamento de si mesma. O pai – ou qualquer outra presença masculina – aparece como um contraponto. É a pessoa que disputa com ele(a) o amor da mãe, evita que seja agressivo e determina regras a serem cumpridas. A ausência dessa figura implica na ausência da compreensão do outro. E quem não consegue se colocar no lugar do outro, não consegue respeitá-lo. Por isso, fica mais propenso à violência. Ainda segundo Barreto, a melhor maneira de evitar que esse jovem parta para a delinquência é rompendo com esse histórico familiar. "Filho de gato, gatinho é", constata. "O jovem precisa ter um espaço para conversar sobre a sua história. Ao entender o comportamento dos pais, ele pode traçar estratégias para não repeti-la."





“ Os meus programas preferidos são cinema e teatro. Não gosto muito da programação da TV aberta, nem sou de ficar muitas horas assistindo à televisão. Sou fã dos canais educativos. Gosto muito da TV Cultura e da TV Senado, porque valorizam nossa identidade cultural. Acredito que os programas a que assisto ajudam na minha formação cultural e profissional, pois estudo Artes Cênicas na Universidade de Brasília. O meu dia-a-dia é todo voltado para os estudos e na minha casa a relação com meus pais sempre foi muito boa. Na verdade, o único contato que tive com a violência foi na rua, em casos de assaltos. ”

G.A., 21 anos, moradora da Asa Norte

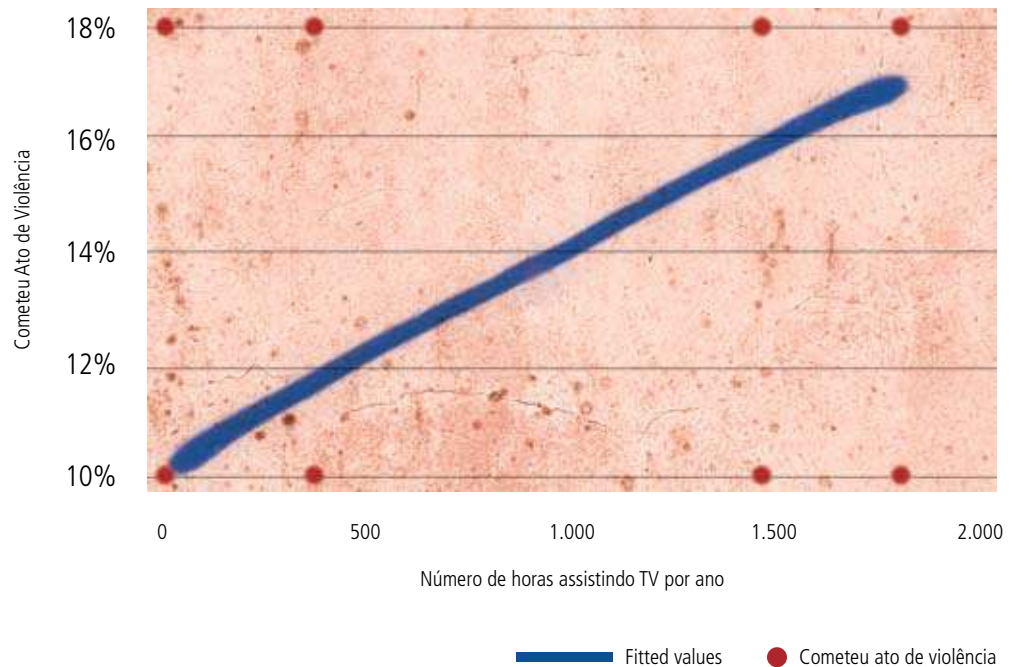
VIOLÊNCIA EM ONDAS

A mídia é o segundo fator mais importante à compreensão das agressões físicas cometidas por rapazes e moças. Segundo a pesquisa “Determinantes da violência entre os jovens do Distrito Federal”, a televisão contribui em 5,2% para a variação das taxas de violência interpessoal. Quanto mais horas em frente à telinha, maior a propensão a agredir alguém.

Considerando que a maioria dos jovens entrevistados do DF (24,4%) passa de três a cinco horas por dia assistindo à TV, no final de um ano eles estariam até 5,8% mais propensos a desrespeitar fisicamente uma pessoa conhecida. Para cada hora a mais de televisão, essa proporção aumenta em 0,004%. O número aparentemente pequeno ganha significado quando inserido no contexto dos entrevistados.

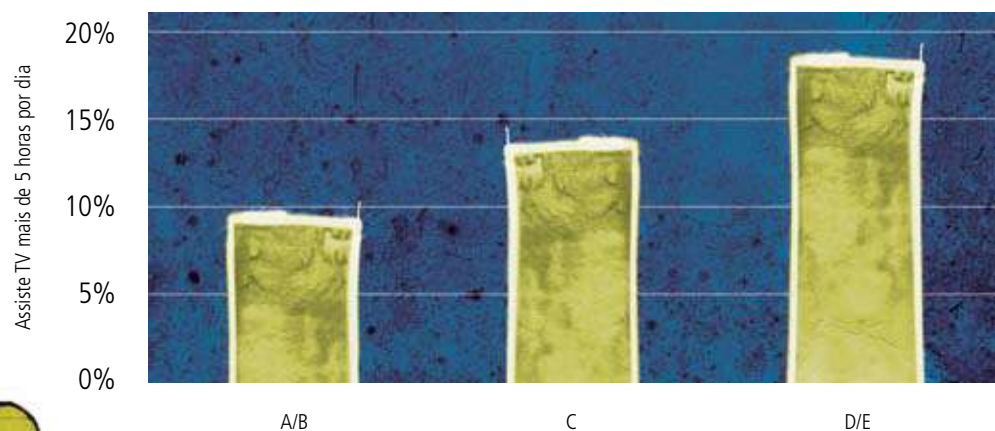
Uma mulher de 22 anos que passe sete horas por dia ligada à telinha – período suficiente para assistir a três novelas, dois telejornais e um programa de variedades – teria 10,3% mais chances de agredir alguém. De acordo com a pesquisa, a proporção de entrevistados que reportam o hábito de assistir TV é maior entre pessoas do sexo feminino (63%) do que entre as do gênero masculino (58%).

Proporção de Número de Horas Assistindo TV por Ano Por Cometeu Ato de Violência



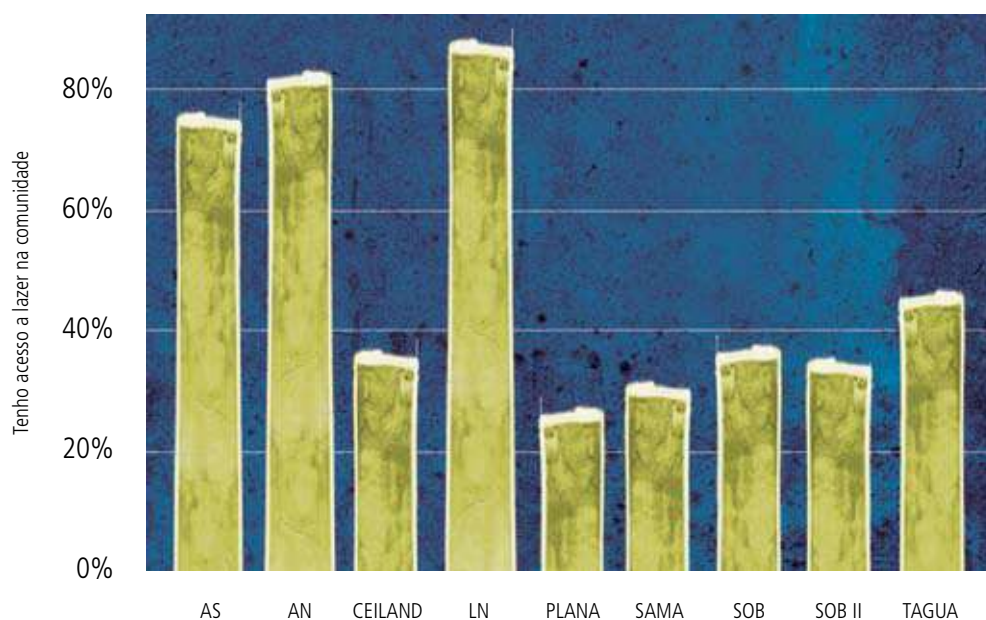
Um dado curioso: a proporção dos jovens que reportaram assistir à TV por mais de cinco horas por dia varia de acordo com suas respectivas classes econômicas. No caso dos jovens das classes A/B, essa proporção é de aproximadamente 10%, aumentando para 14% dos jovens da classe C e, finalmente, chegando a quase 18% entre os jovens das classes D/E.

Distribuição Proporcional por Classe Econômica Assiste TV Mais de 5 Horas por Dia



Os jovens de Samambaia (76%) e Ceilândia (68%) são os que declaram ver televisão com mais frequência. As menores proporções estão no Lago Norte (40%) e em Sobradinho (42,5%). Os campeões em permanência diante da telinha – mais de cinco horas por dia – são os moradores de Sobradinho II (20,5%) e Samambaia (17,5%). Não por acaso, essas regiões aparecem na pesquisa com os piores índices de acesso a lazer para a juventude.

Distribuição Proporcional por Cidade
Tenho Acesso a Lazer na Comunidade

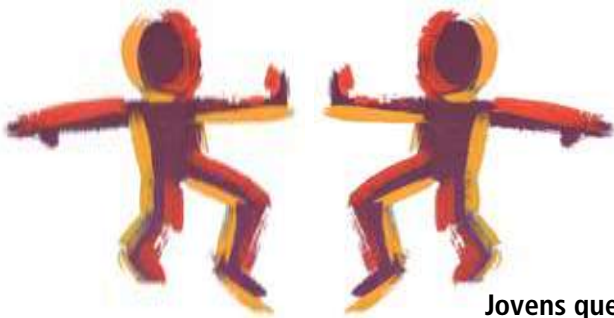
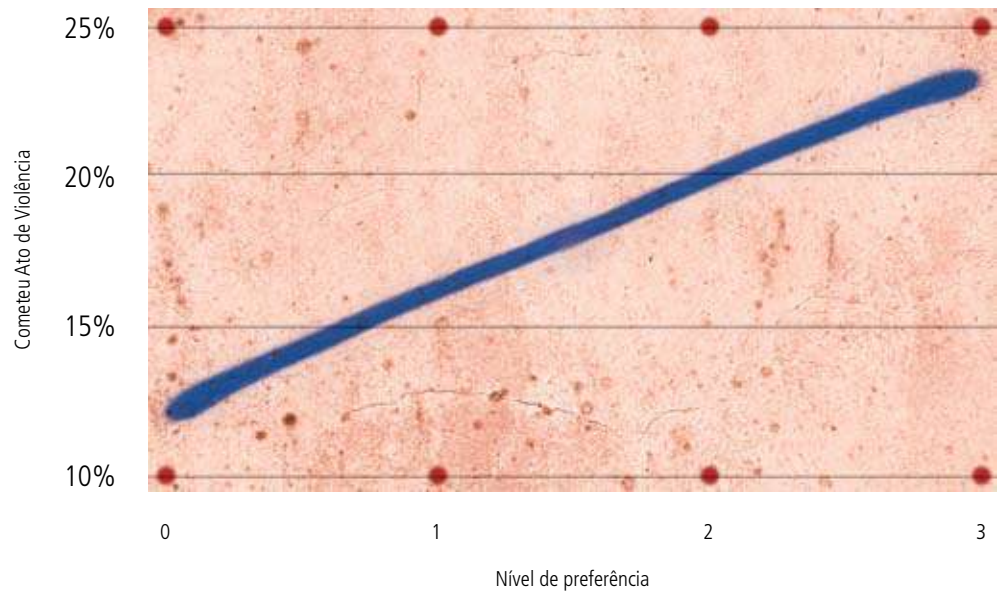


Diga-me a que assistes, e te direi quem és

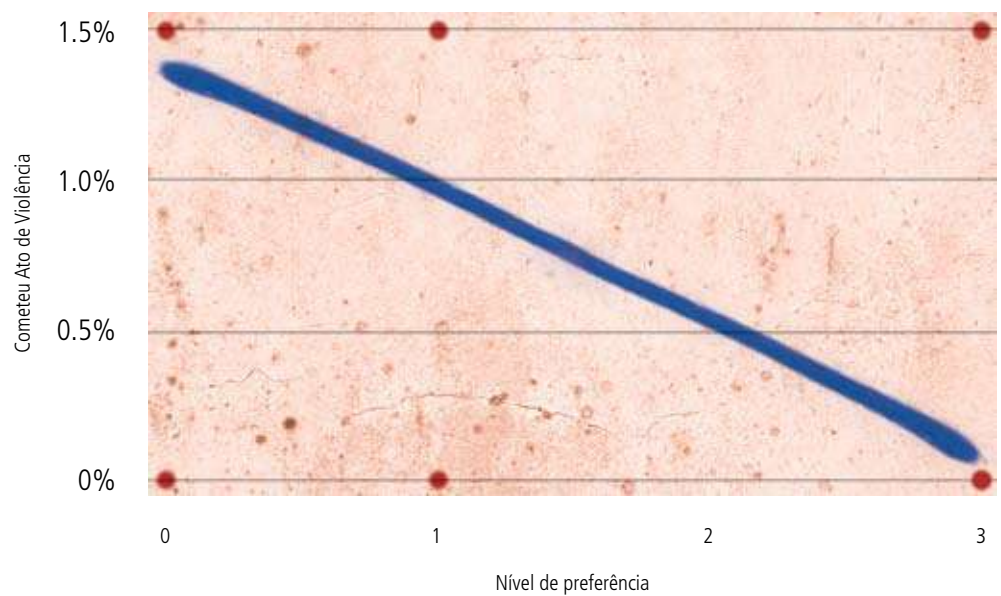
A programação preferida de um jovem diz muito sobre a tendência dele praticar atos de violência. Durante a pesquisa, eles tinham de mensurar – de um a três – o quanto gostavam de determinados gêneros de programas. Pela análise dos dados, descobriu-se que o aumento de um ponto na preferência por programas de ação elevava em 2,5% a propensão do entrevistado agredir alguém fisicamente. O mesmo acontecia no caso de programas eróticos (aumento de 5,3%), lutas marciais (3,7%) e terror (3,1%).

Por outro lado, conforme aumentava a preferência por programas educativos ou de entrevistas, diminuía a tendência a cometer agressões. A redução registrada foi, respectivamente, de 4,4% e 4,5%.

Jovens que Cometeram Atos de Violência Por Nível de Preferência por Programas de Luta



Jovens que Cometeram Atos de Violência Por Nível de Preferência por Programas Educativos

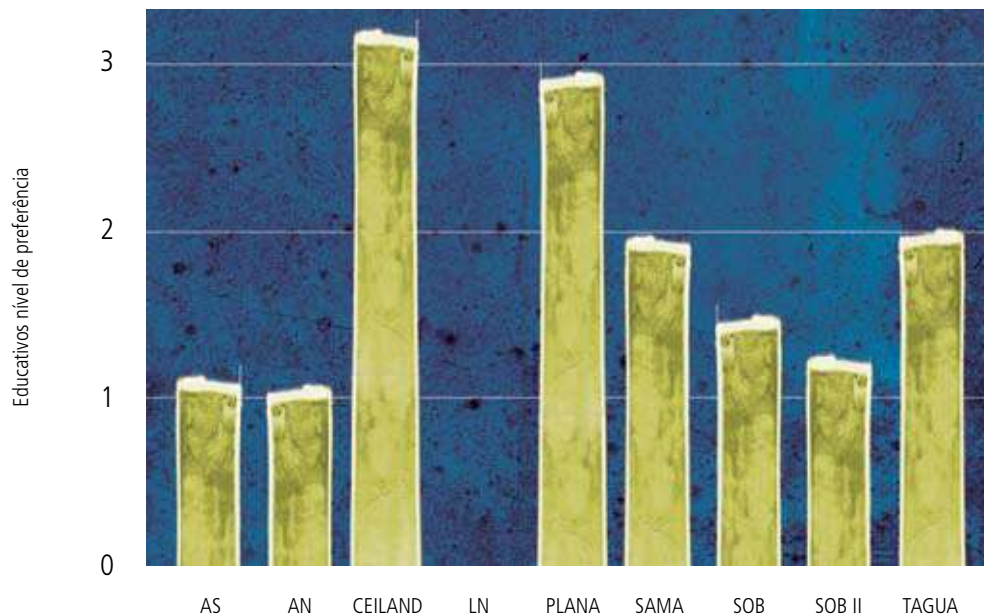


Fitted values Cometeu ato de violência

O gênero e a cidade do jovem impactam diretamente em seu gosto televisivo. As mulheres, por exemplo, gostam três vezes mais de programas educativos do que os homens. Enquanto 30% delas apontaram esse conteúdo como o preferido, apenas 10% deles fazem o mesmo. No caso de programas de “lutas marciais”, essa relação se inverte. Cerca de 23% deles preferem esse tipo de entretenimento, contra apenas 8% das representantes do sexo feminino.

As cidades onde os jovens mais gostam de programas educativos são Ceilândia e Sobradinho, ambas com 30% de citações. Já no gênero lutas marciais, aparecem Planatina (22% de preferência) e Lago Norte (20%).

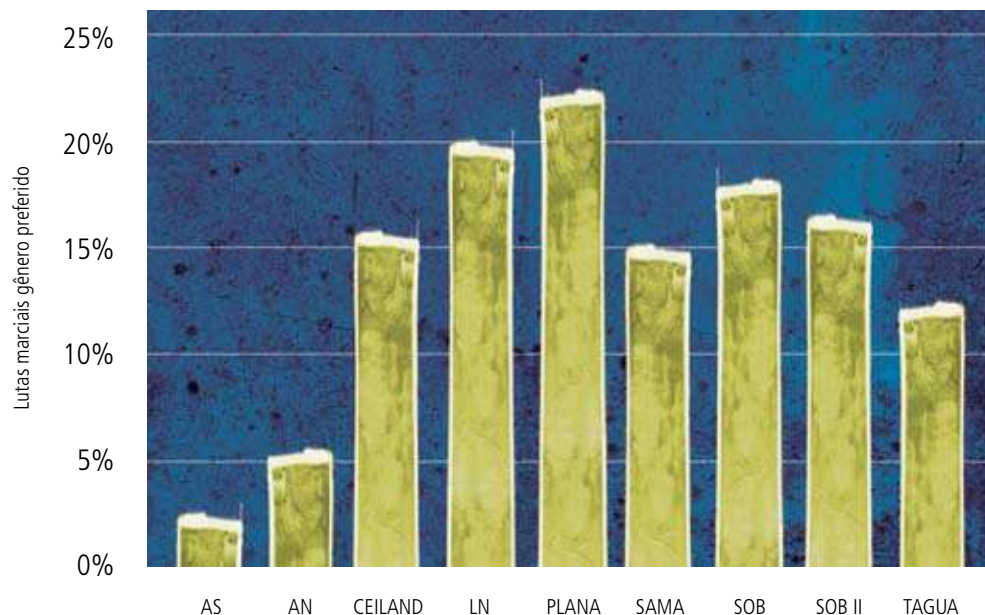
Distribuição Proporcional por Cidades
Preferência por Programas Educativos/Cidades



VEGAN PR

Distribuição Proporcional por Cidades

Lutas Marciais Gênero Preferido



Em busca da virilidade

A influência da mídia na geração da violência é uma via de mão dupla. A pesquisadora da Universidade de Brasília, Carla Dalbosco – autora do estudo “Reno-scências da morte violenta de adolescentes e jovens” – diz não ser possível determinar se o jovem violento gosta de filmes de luta ou se os filmes de luta levam o jovem à violência. “Acredito que esses fatores estejam relacionados”, pondera. “Mas não há dúvidas de que a mídia reforça esse tipo de comportamento”.

Para Carla, ser violento – na mente de muitos rapazes – é uma espécie de confirmação da virilidade. O porte de arma é uma forma de eles se sentirem respeitados. O tráfico é um passaporte para conseguirem dinheiro e mulheres. “Para se fazerem aceitos como homens, eles precisam se impor, nem que seja pela violência”, explica. “Isso independe da classe social.”

A pesquisadora lembra, ainda, que o hábito de passar horas diante da televisão leva os jovens a se submeterem aos padrões de consumo impostos por ela. Para ser bacana, é preciso ter um tênis de marca, um carrão e gel no cabelo. “Em busca desses e de outros bens, garotos ainda novos começam a roubar e a matar.” O motivo dessa superexposição, segundo ela, está intimamente relacionado à falta de lazer. “Eu ouvia muito dos meninos que entravam em gangues que a violência era gerada pela mente vazia. Como eles ficavam pelas esquinas, sem ter o que fazer, acabavam seguindo por esse caminho.”





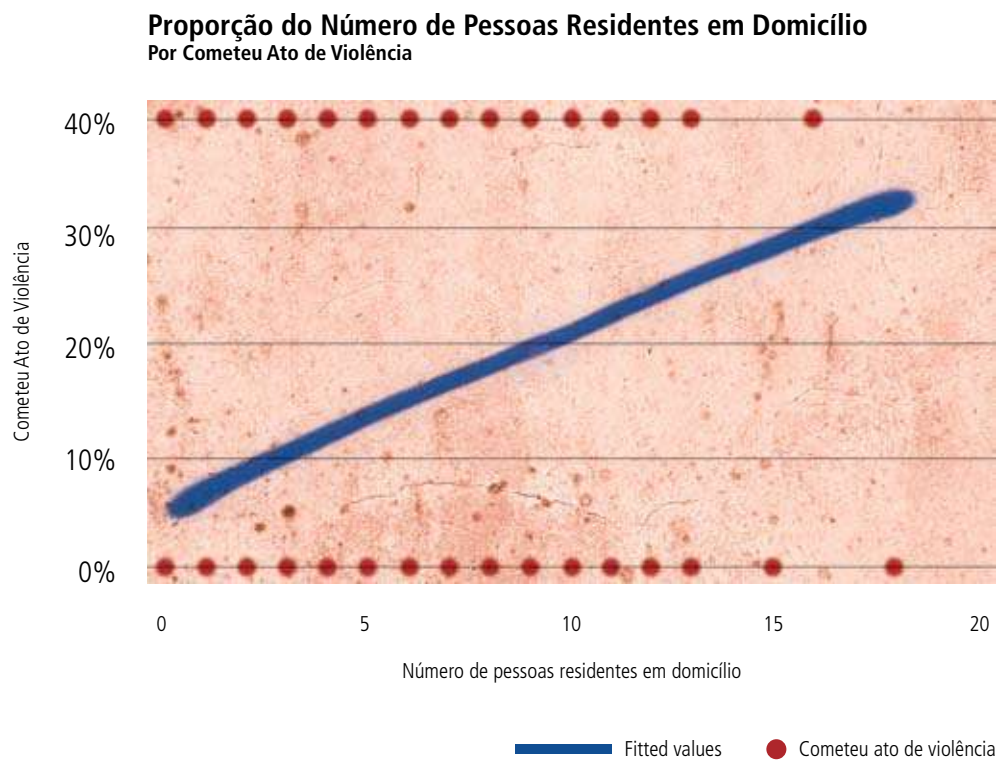
“Meus pais são alcoólatras e, quando bebem, ficam muito agressivos ou calados demais. Quando eu era mais novo, eles me batiam muito. Até que aprendi a sair de casa toda vez que eles bebiam, ia para a rua e ficava lá, sozinho. Um dia, um homem correu atrás de mim para me pegar e fazer sabe-se-lá-o-quê. Cheguei em casa apavorado, chorando e ainda apantei do meu pai. Apesar de odiar álcool, também comecei a beber e a me meter em confusão. Com uns 16 anos, era o maior “mal”. Fumava maconha, bebia com os amigos e saía na “portada” com todo mundo. Como já tinha repetido de ano três vezes, larguei a escola e achava que não tinha futuro. Vi o meu pai bebendo, ganhando pouco, e pensava que não conseguiria nunca ter uma vida melhor que a dele. Pensava que roubar era a única solução para ter dinheiro. Cheguei até a fazer isso algumas vezes. Daí, conheci o break. A dança me fez perceber que eu tinha, sim, um talento. Por isso, tinha chances de ser alguém na vida. Comecei a ter mais objetivos, parei de beber e de me meter em confusão. Quando meus pais se separaram, voltei a estudar. Cheguei até a tirar notas boas e concluí a oitava série. Só que depois de um ano, eles reataram e parei de estudar de novo. Começou a faltar dinheiro lá em casa e tive de começar a trabalhar. Hoje, faço uns bicos de pedreiro, mas meu sonho mesmo é me aperfeiçoar na dança e terminar o ensino médio. Depois, queria passar em um concurso público para ter dinheiro e fazer uma faculdade. Infelizmente, continuo morando com meus pais. Eles já não me batem. Agora, sou mais forte do que eles.”

WKF.C, 20 anos, Paranoá

O PAPEL DA FAMÍLIA E DA ESCOLA

Juntas, família e escola explicam 8,9% dos casos de agressão física cometidas por jovens entre 18 e 24 anos no Distrito Federal. No primeiro caso, dois fatores explicam a propensão desse grupo a praticar atos violentos: o número de pessoas que residem na mesma casa (1,5% a mais para cada habitante) e a frequência de conversas sobre trabalho com os pais (2,5%). Quando o assunto é estudo, as variáveis mais importantes são a escolaridade (1,1% para cada série cursada) e os índices de repetência (2,7% para cada ano de reprovação)

A quantidade de pessoas que vivem no mesmo teto impacta diretamente nas taxas de violência contra terceiros por um motivo simples: quanto mais pessoas, menor o espaço disponível e maiores as chances de conflito. Com um agravante. Em uma casa superlotada falta mais do que dinheiro e infra-estrutura. Falta respeito pela individualidade do jovem. “Essa “agressão” o induz a também desrespeitar o espaço alheio, seja moral ou fisicamente”, explica o pesquisador Miguel Fontes, diretor da John Snow Brasil Consultoria e coordenador-geral da pesquisa.



Outro fator que influencia no cometimento de uma agressão é o nível de diálogo com os pais. Segundo o estudo, quanto mais o jovem conversa sobre trabalho com os responsáveis, maiores as chances de ele agredir alguém fisicamente (2,5%). O indicador, em princípio estranho, revela a falta da confiança e a ausência de proximidade entre pais e filhos. Motivo? “Quando o tema mais freqüente é o trabalho, ele certamente aparece na forma de cobrança ou indica a falta de espaço para outros assuntos”, explica Fontes. “Lamentavelmente, as pautas mais comuns nas famílias do DF – trabalho, conflitos familiares e escola, nessa ordem – interessam aos responsáveis mais que aos próprios jovens.”

Os conteúdos menos abordados em casa são justamente os de natureza pessoal: sexo, drogas e violência. “Sem espaço para se expressar ou ajuda para resolver os problemas inerentes a essa fase, nosso público acaba optando pela violência”, conclui o pesquisador.

Distribuição Proporcional por Tipo de Assunto Conversado com Pais



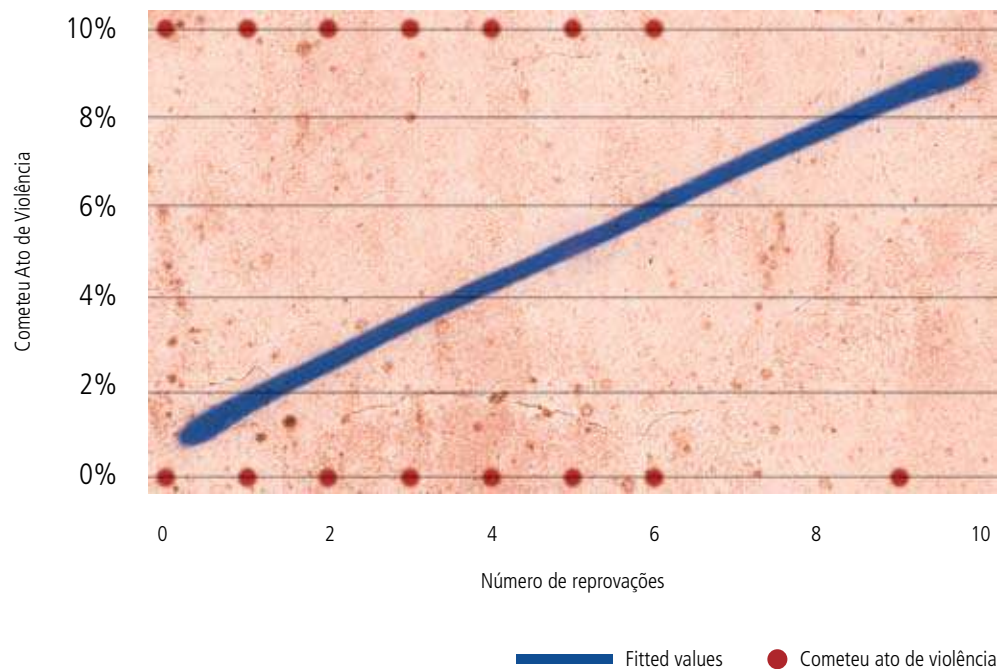
Educação: antídoto à violência

Quanto maior a escolaridade de uma pessoa, menor a chance de ela vir a agredir alguém. Cada ano passado na escola diminui em 1,1% as chances de um jovem entre 18 e 24 anos praticar um ato de violência. Para concluir os ensinamentos fundamental e médio, um adolescente passa pelo menos onze anos na sala de aula. Com isso, fica 12,1% menos propenso àquele tipo de atitude. Se vier a cursar uma faculdade com quatro anos de duração, a porcentagem será de 16,5%, e assim por diante. É a prova de que o conhecimento reduz a violência.

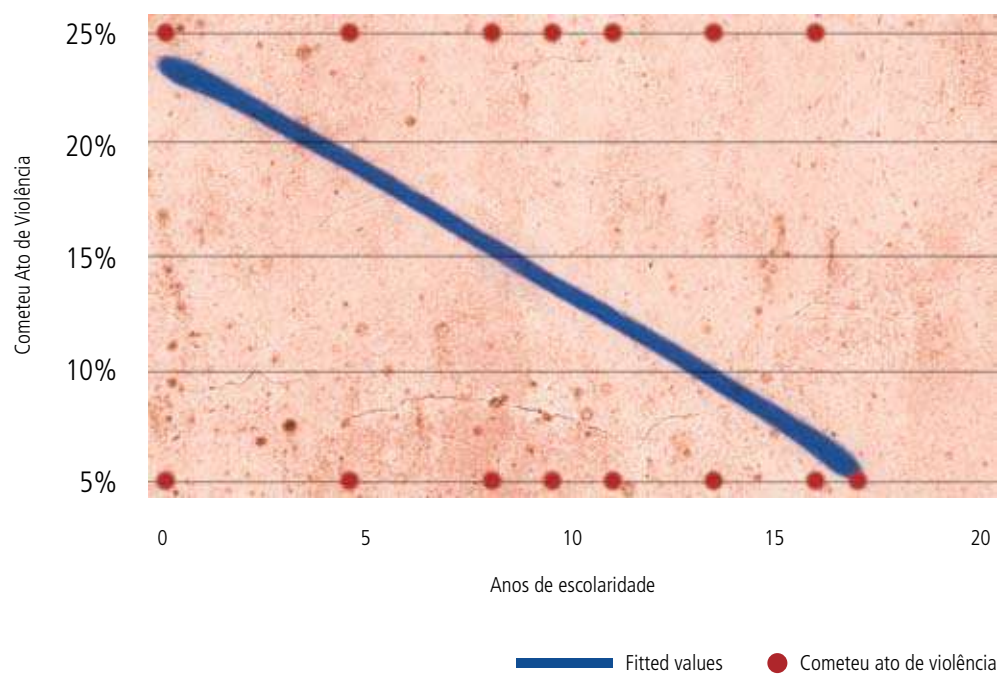
Se os anos de estudo impactam positivamente na redução das taxas de violência interpessoal, a reprovação age no sentido contrário. O simples fato de um aluno repetir de ano aumenta em 8,1% a propensão de ele agredir um conhecido. Para cada ano de reprovação adicional, esse número sobe de forma contínua e linear em outros 2,7%. Ou seja, um aluno que tenha repetido duas vezes de ano fica 13,5% mais propenso a atacar alguém fisicamente. Esta tendência de associação também pode ser verificada na quantidade de vezes que ele trocou de escola (com aumento de 1,7% a cada troca) e no aumento do nível de preconceito escolar (com alta de 3,8% para cada ponto de aumento).



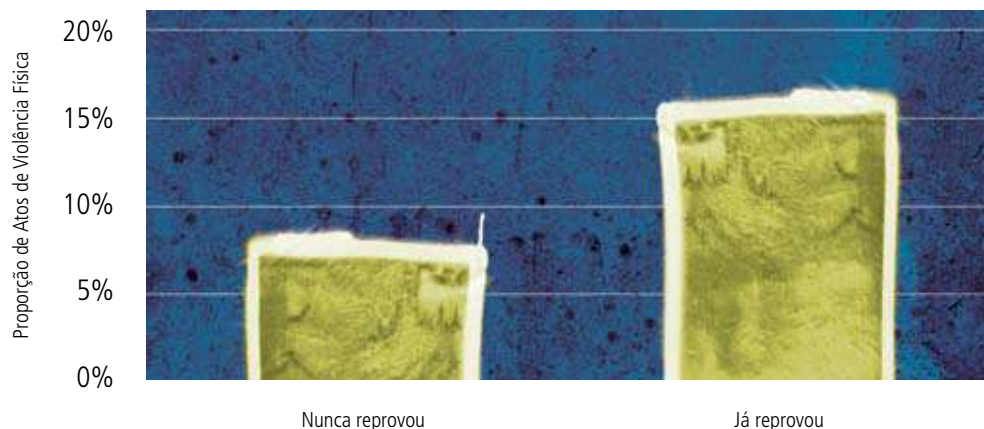
Proporção do Número de Reprovações Por Cometeu Ato de Violência



Proporção de Anos de Escolaridade Por Cometeu Ato de Violência



Porcentagem de Jovens que Cometeram Atos de Violência Nunca Reprovaram x Já Reprovaram



Segundo a pesquisa, a reprovação escolar está diretamente relacionada à classe social do jovem. Dos entrevistados que reportaram ter repetido de ano pelo menos uma vez, cerca de 40% pertenciam às classes A/B e 60% eram das classes C ou D/E. As cidades com maior número de reprovados são Planaltina (80%) e Sobradinho II (75%). As menores proporções estão no Lago Norte (20%), na Asa Sul (23%) e na Asa Norte (23%). Nestes bairros também está a maior concentração de jovens que estão cursando o nível superior: 77%, 66% e 48%, respectivamente.

Bomba de efeito moral

A reprovação escolar é uma perversidade contra o aluno. Além de influir diretamente na propensão de um jovem cometer violência, como mostra esta pesquisa, ela não é um instrumento eficaz de aprendizagem. "Ao contrário do que prega o senso comum, escola boa não é aquela que reprova. É aquela que faz o aluno aprender", garante a coordenadora nacional do Pró-Jovem*, Maria José Feres.

Na opinião da especialista, a reprovação não traz nenhum benefício ao jovem. "Cada vez que isso acontece, ele perde auto-estima, não melhora seu desempenho escolar e fica estigmatizado como burro ou repetente. Tudo isso o deixa mais vulnerável à violência."

Ao criticar a cultura da repetência, Maria José não está defendendo a promoção automática do aluno, considerada igualmente perversa. O que a coordenadora do Pró-jovem reivindica é uma revisão do atual modelo de educação. "A escola, hoje, é muito centrada na questão do conteúdo. Se o aluno aprender, ótimo. Se não, a culpa é dele, da família ou da condição financeira." Esse projeto pedagógico – que trata os estudantes como um rebanho – precisa acabar. Todo mundo pode aprender, desde que seja ensinado de uma maneira que respeite suas potencialidades e limitações. "A escola deveria se adaptar ao aluno e não o contrário", diz a professora.

*Programa Nacional de Inclusão do Jovem, iniciativa do governo federal que visa garantir o primeiro emprego para jovens de todo o país.



“ Eu já apanhei e fui humilhado pela polícia. Eles me pegaram, junto com dois amigos, fazendo grafite na Ceilândia. Para nosso azar, o dono da casa – que tinha autorizado a pintura – tinha saído para fazer compras. Explicamos que aquilo era arte e não pichação, mas não adiantou. Os policiais recolheram as tintas e nos jogaram na viatura. Rodamos alguns minutos pela cidade sem saber qual seria nosso destino. Quando o carro parou, a sensação de alívio deu lugar ao desespero. Eles nos levaram para um lugar deserto e começaram uma sessão de tortura psicológica. Um dos PMS tirou o meu amigo do carro, arrastou ele para longe e começou a atirar. A gente pensou que ele tinha sido executado, mas o policial estava atirando para o alto. Só que quem ficava no carro não sabia disso. E eles fizeram isso com cada um de nós. O abuso não terminou por aí. Depois de distribuir muitos chutes e socos, eles foram embora com nossas mochilas. Sem dinheiro, tivemos de voltar para casa a pé. Somente alguns dias depois, conseguimos recuperar nossas bolsas. Mas o dinheiro tinha sumido e só ficamos com os documentos. Essa história mexeu muito comigo. Como podemos confiar na polícia se em vez de nos proteger, ela contribui para espalhar o medo? ”

F.E.O., 24 anos, morador da Ceilândia.

O PERFIL DA VIOLÊNCIA

A violência tem várias faces na capital do país. Ela varia conforme a região administrativa, a cor da pele, a classe social e o gênero da vítima. Os negros são o alvo preferido da polícia, as mulheres dos parceiros e os mais ricos os mais propensos ao suicídio. Em comum, a violência tem apenas o endereço: a rua perto de casa. É lá, bem próximo à família, que acontece o maior número de ameaças e agressões físicas (de 40,7% a 58,1%) entre os jovens de 18 e 24 anos.

De acordo com a pesquisa “Determinantes da violência interpessoal entre jovens do Distrito Federal”, 23,6% da juventude candanga já sofreu algum tipo de ameaça à sua integridade física.

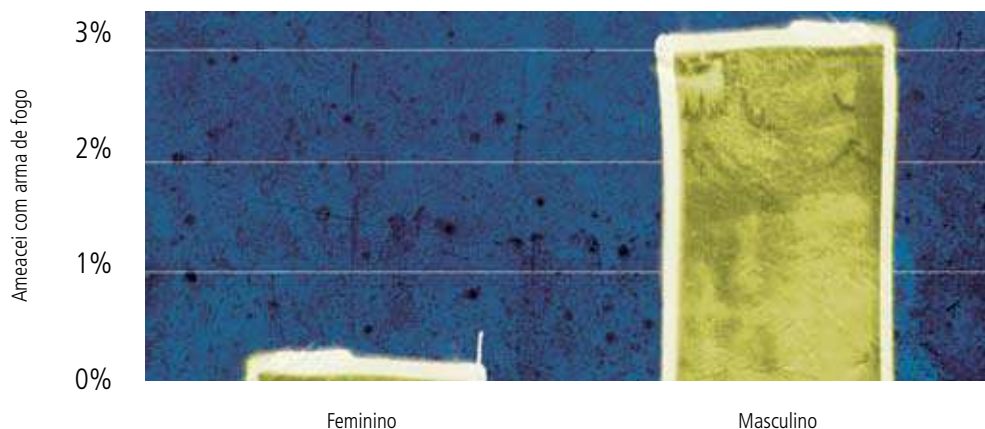
Considerando-se esse tipo de agressão, 10,7% declararam-se vítima e 13% admitiram ter coagido alguém. O testemunho de atos violentos, por sua vez, faz parte do dia-a-dia de 39,3% dos jovens entrevistados.

As regiões onde rapazes e moças declararam sofrer mais ameaças físicas são a Asa Norte e Samambaia, com 37% e 33%, respectivamente. A menor proporção está entre os jovens do Lago Norte, com menos de 10% dos pesquisados. Essa proporção inverte-se no caso de testemunho de violência. Cerca de 60% dos jovens do Lago Norte afirmaram já ter testemunhado atos de violência física contra alguém. É lá, também, que se encontram as maiores proporções de testemunho de agressão corporal (60%) e testemunho de ato de violência em escola/faculdade (24%).

Ao relacionar alguns dos resultados da pesquisa por recorte populacional (gênero, cidade, renda e cor da pele), descobriu-se que os jovens de Samambaia estão 102,3% mais propensos a sofrer uma coação física do que os moradores da Asa Norte da mesma idade. Apesar disso, os moradores de Planaltina são os que se sentem menos seguros na própria comunidade. Uma das principais peculiaridades da juventude do Lago Norte é a maior propensão a testemunhar atos de violência na rua de outro bairro (258,9% a mais que os jovens da Asa Norte).

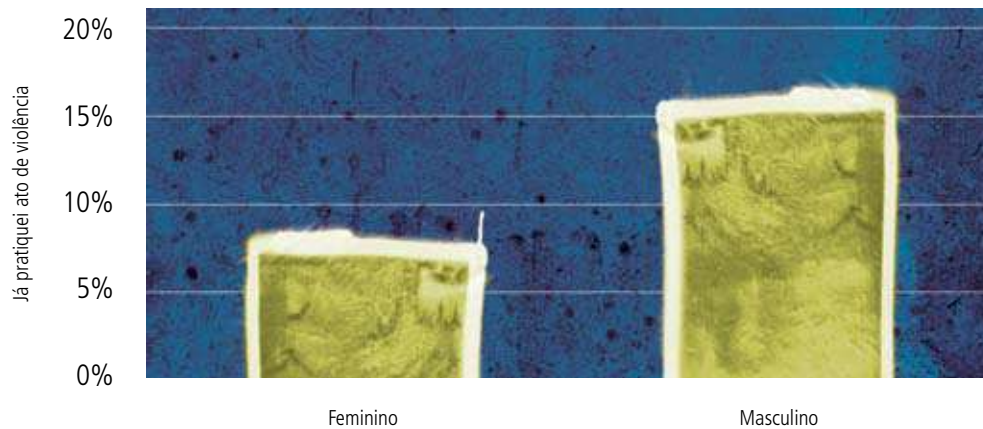
A pesquisa também comprova que “eles” costumam ser mais violentos do que “elas”. Os representantes do sexo masculino ameaçam mais (15% vs. 7%), agredem mais (17.5% vs. 8%) e também são as vítimas mais comuns de atos de violência (22% vs. 17%). Justamente por isso, cerca de 93% das vítimas de homicídio na faixa etária entre 15 e 24 anos são homens¹.

Distribuição Proporcional por Gênero Ameacei com Arma de Fogo

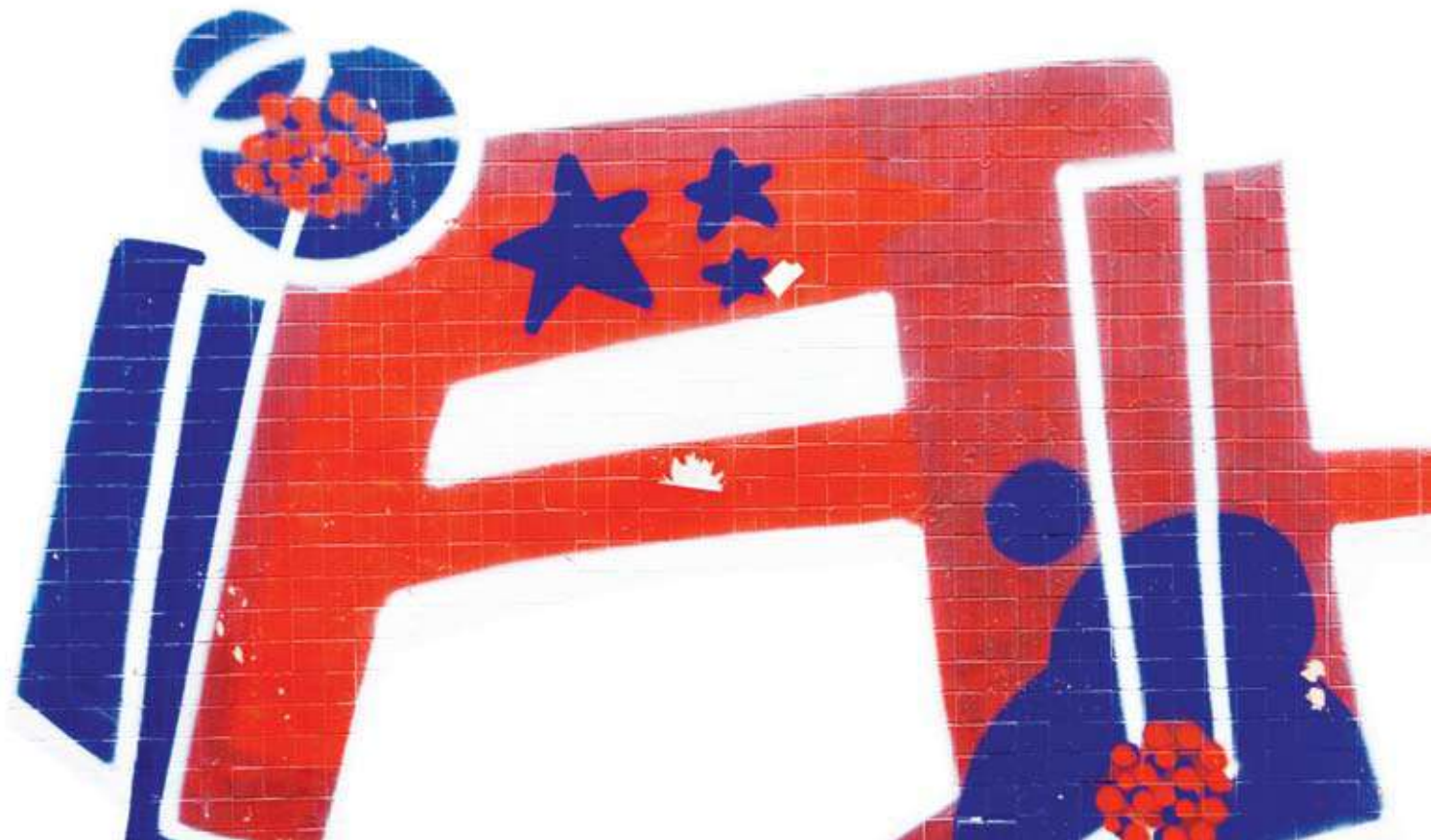


¹ Mapa da Violência 2006 –Organização dos Estados Ibero-Americanos – 16/11/2006

Distribuição Proporcional por Gênero Já Pratiquei Ato de Violência



Considerando-se o uso de armas de fogo, Samambaia (12.5%), Planaltina (10.2%) e Ceilândia (8.0%) são as cidades que apresentaram as maiores proporções de jovens que tiveram a experiência de andar com esse artefato. Os jovens das classes D/E (aproximadamente 3%) foram os que mais ameaçaram pessoas conhecidas dessa maneira. Quando o foco da análise passa a ser o testemunho de violência com arma de fogo, as classes C e D/E apresentam proporções estatisticamente similares, entre 8% e 10%. Entre os jovens das classes A/B, esse percentual cai quase pela metade (4.3%).



Conversa delicada

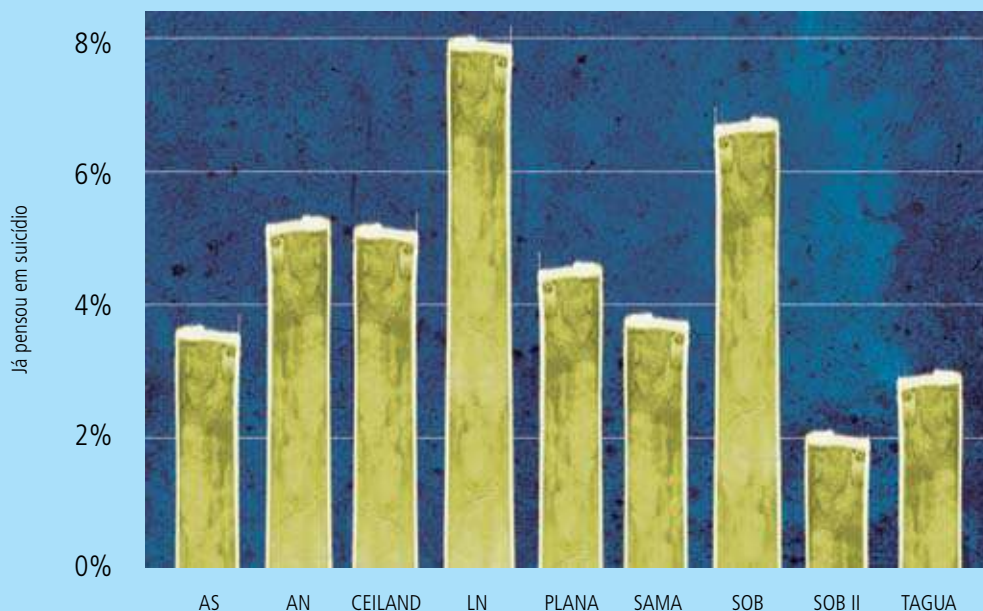
15,3% dos jovens do Distrito Federal já pensaram em suicídio. Desses, 28,7% efetivamente tentaram se matar. Ironicamente, quanto mais alta a classe social, maior a propensão a cometer esse tipo de violência. Tanto, que os jovens do Lago Norte são os que mais declararam pensar em tirar a própria vida (8% dos entrevistados). Mas quais motivos levam jovens que aparentemente têm tudo a cogitar o suicídio?

Segundo Cecília Studart – coordenadora da Divisão de Tecnologia Social em Saúde da John Snow Brasil Consultoria – a pressão pela competitividade é muito maior nas classes mais altas, levando à depressão ou à ansiedade. Esses dois fatores, combinados à facilidade de acesso a substâncias psicoativas, transforma o pensamento suicida em uma bomba-relógio prestes a explodir. “De certa forma, alguns destes componentes não fazem parte da realidade das classes C e D/E, daí a menor propensão ao suicídio nessas camadas”, explica Cecília.

Vale destacar que, em termos de gênero, a tendência maior a pensar em suicídio é das mulheres. Estas, no entanto, poucas vezes colocam em prática essa intenção. “A tendência de consumir o suicídio é maior entre os homens pela dificuldade que eles têm de pedir ajuda.”

Apesar de a pesquisa revelar o desencanto com a vida de uma parcela substancial dos jovens, a proporção dos que já receberam algum tratamento psicológico é irrisória. No bairro campeão de pensamentos suicidas, esse tipo de apoio foi disponibilizado a menos de 5% dos entrevistados. “Diante dessa realidade, é preciso destruir um dos maiores mitos em relação ao suicídio: a crença de que falar nele é perigoso”, defende Cecília. “É preciso conversar com o jovem sobre o assunto e ajudá-lo a encontrar um sentido para a vida. Essa é a melhor forma de traçar estratégias de apoio e prevenção entre as pessoas que se encontram em risco”.

Distribuição Proporcional por Cidades
Já pensou em suicídio



Retrato 3X4

O ciclo é vicioso. Mais da metade dos jovens entre 18 e 24 anos do Distrito Federal que admitiram agredir conhecidos já foram vítimas de agressão. Quem já ameaçou, agrediu. Quem testemunhou assumiu algumas vezes o papel de algoz. Embora não se possa estabelecer a relação temporal entre qual fato ocorreu primeiro, fica claro a existência de uma correlação significativa entre as diversas formas de violência.

Disposta a entender as situações que deixam essa parcela da sociedade mais vulnerável a agressões, a pesquisa "Determinantes da Violência Interpessoal entre os jovens do Distrito Federal" correlacionou os principais resultados do estudo até traçar o perfil desses ataques. O primeiro passo foi revelar a identidade dos agressores.

Segundo o estudo, os maiores agentes externos de violência contra a juventude são, nesta ordem: amigos ou conhecidos, a polícia e o próprio parceiro. Normalmente, quem agride se vale da força para coagir fisicamente suas vítimas. Quando optam por um artefato de intimidação, a maioria usa armas de fogo, segundo relatado por 13% das vítimas.

Por fazerem parte do mesmo círculo social e freqüentarem os mesmos ambientes, amigos e conhecidos são os algozes mais comuns entre os jovens que declararam já ter sofrido algum tipo de agressão no Distrito Federal (37%). Os ataques desferidos por eles são basicamente corporais, envolvendo socos, murros, tapas etc. Os moradores de Taguatinga são os mais propensos a se tornarem vítimas de conhecidos: 198,3%, se comparados aos da Asa Norte, por exemplo. Os homens, por sua vez, estão 205% mais propensos a sofrer este tipo de violência do que as mulheres.

No caso das agressões realizadas por parceiros (12%), é preciso considerar algumas peculiaridades. A primeira delas é a que eles agem preferencialmente dentro do ambiente doméstico e, em sua imensa maioria, são homens. Prova disso é que as mulheres estão 591% mais propensas a sofrerem este tipo de violência do que os homens. Apesar disso, o companheiro continua sendo a principal referência pessoal de 2,2% dos jovens. Já entre eles, a parceira aparece como referência em 1% dos casos.

Embora não esteja restrita a uma classe social, a violência realizada por parceiros é mais freqüente nas classes D/E (aproximadamente 6% dos pesquisados). Na classe C, esse percentual é três vezes menor (2%) e nas camadas mais altas atinge menos de 1% dos entrevistados. Considerando-se a propensão, os entrevistados das classes mais baixas (D/E) estão 788,6% mais vulneráveis aos companheiros do que a camada mais abastada (A) da população.



Polícia para quem precisa

O único agente de violência contra o jovem que utiliza armas de fogo de maneira significativa é a polícia. Ao lidar com o público-alvo desta pesquisa, os “tiras” – como são chamados na periferia – têm por hábito o abuso de poder e, na maioria absoluta dos casos, realizam coações com armas de fogo. Estas, não raras vezes, são acompanhadas por socos, pontapés e assédio moral.

“A polícia brasileira é comprovadamente uma das mais violentas do mundo”, afirma o secretário-executivo do Centro de Estudos de Direitos Humanos e Violência da UNIEURO, Iradj Roberto Eglirari. “Na academia, eles não aprendem técnicas pacíficas de abordagem. Ao contrário, são ensinados a agir preventivamente, escaneando o perigo e eliminando problemas em potencial.” Entenda-se por “problemas em potencial” negros e jovens de classe mais baixa.

Eglirari explica que os policiais brasileiros são extremamente racistas, apesar de não se acharem preconceituosos. “Ele não tem consciência de que desconfiam do negro muito mais do que de um branco”, pondera. O fato é comprovado pela pesquisa da CAIXA SEGUROS que revela: a polícia está 241,3% mais propensa a praticar atos de violência contra jovens negros do que contra jovens brancos.

Outro tipo de discriminação comum na corporação é a geracional. “O jeito de o jovem se vestir chama a atenção. Principalmente quando ele faz parte de uma tribo. Por isso, freqüentemente, grafiteiros, skatistas e rappers são vistos como uma ameaça à ordem.”

Os policiais também têm a tendência de escolher suas vítimas pelo sexo. Os rapazes de 18 a 24 anos estão 1.183% mais propensos a ser agredidos por PMs do que as moças de mesma idade.

A classe social do “elemento” também influencia na agressividade dos agentes. Aproximadamente 2% dos jovens das classes A/B reportam já terem sido vítimas de violência policial. Essa proporção praticamente dobra no caso da classe C e chega a 5% no caso dos jovens de classes D/E. Em termos de propensão, este último grupo tem 147,9% mais chances de ser agredido pela polícia do que os primeiros.

De acordo com Eglirari, a melhor maneira de combater a violência policial é investindo em uma formação mais humana dentro da Academia. “Os integrantes das polícias Civil e Militar precisam repensar o seu papel na sociedade”, diz. “Não é porque você é um policial e usa uma arma que tem mais poder do que o outro. Os baixos salários não servem de justificativa para o desrespeito à dignidade de uma pessoa.”





“ Da primeira vez que fui mãe, tinha quinze anos. Eu namorava um rapaz mais velho e, um mês depois da primeira transa, engravidei porque nunca nos preocupamos em usar camisinha. No começo, ele até ficou feliz com a notícia. Mas depois que a criança nasceu, sumiu e nunca mais apareceu. Continuei morando com os meus pais que, apesar de terem ficado bravos, sempre me deram apoio. A partir de então, fiquei mais consciente. Quando arranxei outro namorado, fui no médico pedir a pílula. Só que nos postos de saúde eles às vezes mudam a marca do remédio e isso diminui sua eficácia. Eu não sabia disso e, para minha total surpresa, engravidei de novo aos 19 anos. Foi horrível porque eu tinha tomado cuidado e mesmo assim ia ter outro filho. Assim como aconteceu da primeira vez, o pai da criança terminou comigo pouco tempo depois do parto. Ele aparece de vez em quando, mas não é um pai presente. Hoje, aos 23 anos, vejo que perdi minha juventude inteira cuidando dos meus filhos. Não recomendo para ninguém que faça o que eu fiz. É preciso fazer sexo com camisinha sempre. Apesar de ainda ser nova, desenvolvi LER e não posso mais trabalhar. Recebo um salário mínimo do INSS e com esse dinheiro não dá para sustentar meus meninos. Dependendo dos meus pais para viver e não vejo muita perspectiva de futuro para mim. Mas meus filhos terão tudo o que não tive. Vou fazer eles estudarem, entrarem na faculdade e só fazer sexo com proteção. ”

M.M.P., 23 anos, Ceilândia

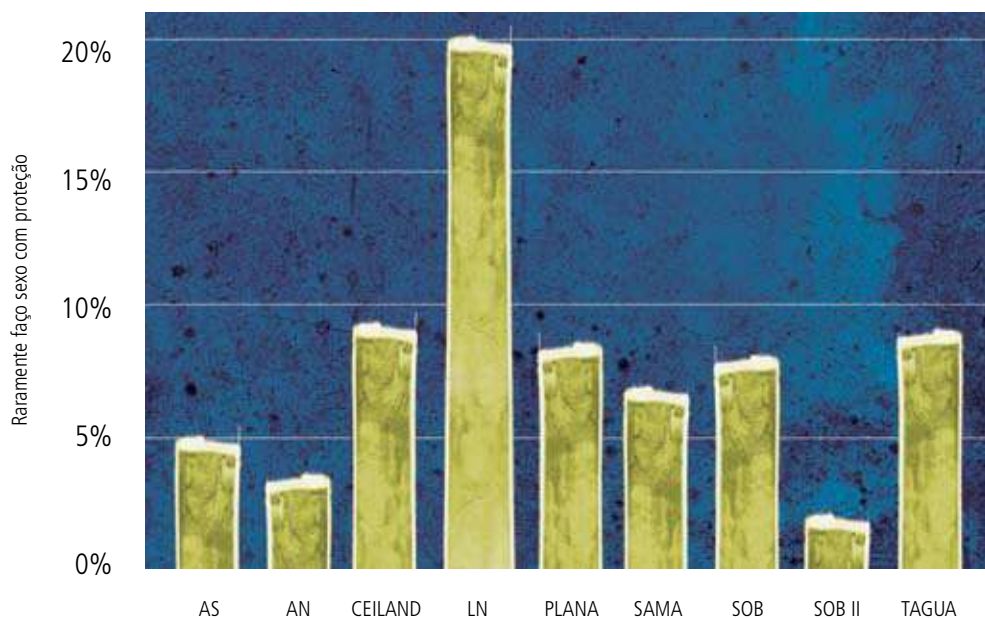
VOZES DO DISTRITO FEDERAL

Além de desnudar a violência entre os jovens no Distrito Federal, este estudo deu voz a rapazes e moças da capital do país. Durante as entrevistas, eles puderam mostrar o que pensam sobre si mesmos e sobre a realidade que os cerca.

A grande maioria (94,6%) define-se como heterossexual e já fez sexo alguma vez (80,1%). Apesar de toda a informação sobre doenças sexualmente transmissível e métodos de prevenção à gravidez, 61,4% já fez sexo sem proteção. Talvez por isso, 37,9% já procuraram serviços médicos para resolver

questões de DST. Os jovens do Lago Norte são os que menos usam proteção em atos sexuais. Apenas 17% responderam sempre usar proteção contra mais de 40% dos jovens da Asa Sul, de Sobradinho II e de Sobradinho. A proporção de jovens do sexo feminino que reportaram raramente fazer sexo com proteção (aproximadamente 10%) é quase duas vezes maior do que entre os jovens do sexo masculino (6%).

Distribuição Proporcional por Cidades
Raramente Faço Sexo com Proteção



Considerando-se as classes sociais, os jovens das classes D/E apresentam as maiores proporções de prática de sexo sem proteção (60%). Um dado coletado é alarmante: aproximadamente 20% reportaram nunca fazer sexo com proteção.

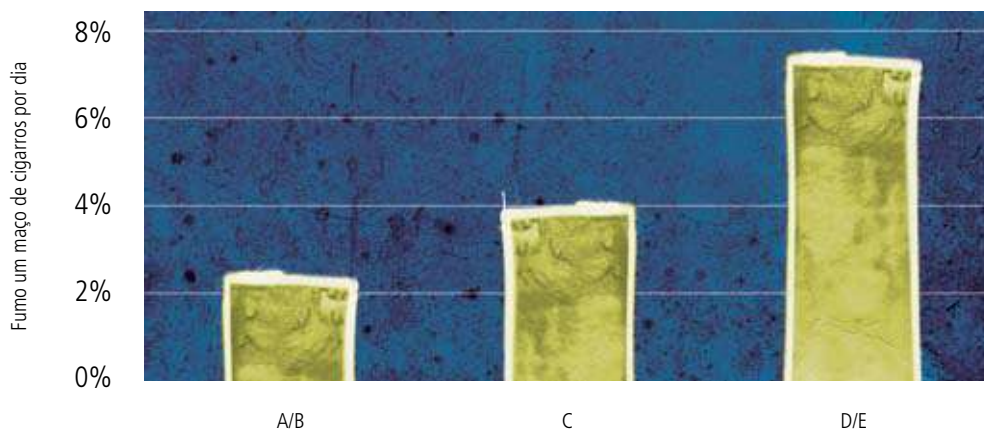
Como os próprios jovens sabem, sexo sem proteção sempre traz consequências. E a mais frequente delas é a gravidez. Prova disso é que 24,8% da juventude candanga têm filhos. As classes sociais que menos usam proteção são justamente as que possuem o maior número de jovens pais. Nas camadas D/E, aproximadamente 40% dos entrevistados já tinham gerado um herdeiro. Nas classes A/B a proporção era bem menor: 12%.

A ingestão de bebida alcoólica é mencionada pela maioria dos jovens (53,2%). Desses, 16,9% bebem mais de uma vez por semana. No caso do tabaco, o uso é significativamente menor (19,7%). Cerca de 26% admitiram usar drogas consideradas ilegais. O Lago Norte apresenta as maiores proporções, com 40%. O jovem dessa unidade administrativa é o que reporta mais

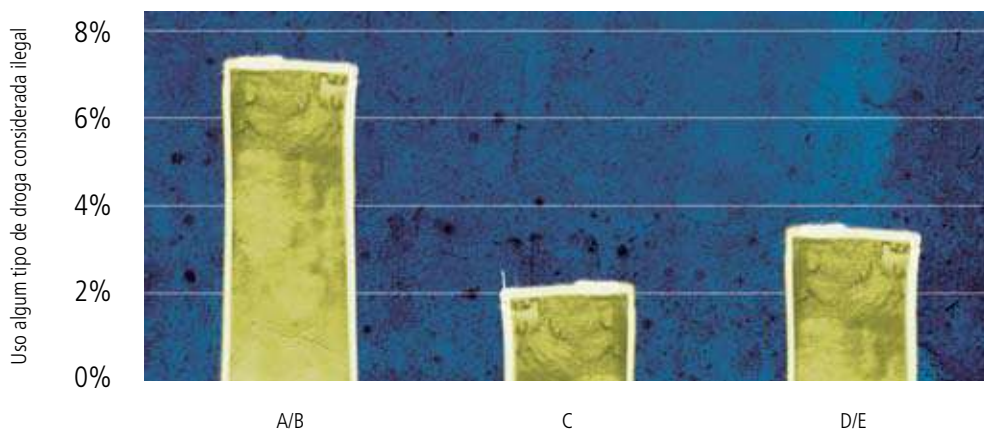
acesso a drogas em sua comunidade (81%). Essa alta proporção também é verificada no conhecimento de alguém que tem acesso a drogas, chegando a mais de 90%.

A proporção de fumantes na faixa etária compreendida entre 18 e 24 anos aumenta gradativamente conforme o nível econômico, com 23% dos jovens das classes A/B, 40% dos jovens da classe C e mais de 70% dos jovens da classe D/E. Essa relação se inverte no caso do consumo de bebidas alcoólicas; a proporção de jovens das classes A/B que reportam consumo é de aproximadamente 48.5%, reduzindo para 22% no caso da classe C e finalmente, para aproximadamente 10% no caso das classes D/E. É também nas classes A/B que se encontra a maior proporção de jovens que relatam usar algum tipo de droga ilícita (72%).

Distribuição Proporcional por Classe Econômica
Fumo um Maço de Cigarros por Dia



Distribuição Proporcional por Classe Econômica
Uso Algum Tipo de Droga Considerada Ilegal



Procuram-se maridos

Exatos 10,4% dos jovens do Distrito Federal afirmaram ser casados. A proporção de jovens amarrados - com dizem as más línguas - é maior em Planaltina, com aproximadamente 17,5%. A menor é o Lago Norte, com valor inexpressivo. Quanto mais baixa a classe social, maior a quantidade de jovens casados. Nas classes D/E, por exemplo, 17,5% dos entrevistados declaram esse estado civil. Nas A/B, foram apenas 6%. Mas a principal dicotomia ocorre entre os sexos. Enquanto 15% delas declararam-se casadas, apenas 5% deles fizeram o mesmo. Ou essas moças estão casando com homens mais velhos ou seus parceiros não entenderam que o relacionamento ficou tão sério.

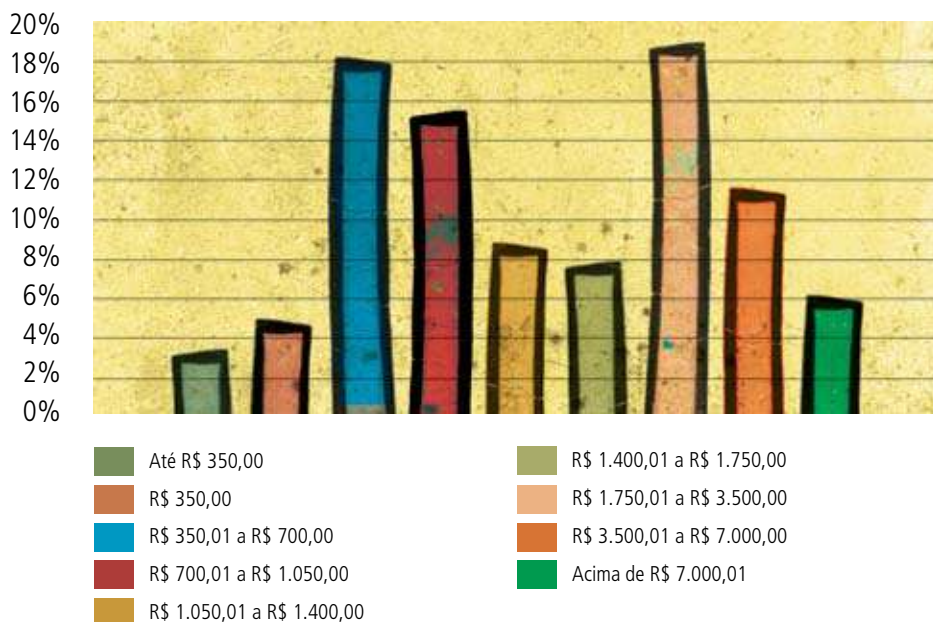
Dentro de casa

O Distrito Federal é uma cidade de extremos, onde se vive com muito ou quase nenhum dinheiro. A renda familiar mensal dos jovens entre 18 e 24 anos ou fica abaixo dos R\$ 700 (25,7%) ou supera os R\$ 1.750 (35,3%). Como a maioria deles ainda não trabalha, infere-se que continuem a depender dos pais.

A região com menor índice de desemprego familiar, segundo os próprios entrevistados, é o Lago Norte. Lá, 100% dos jovens reportam que pelo menos um membro da casa trabalha. Destes, nenhum tem renda inferior a R\$700. Já em Samambaia, em 20% dos casos nenhum integrante da família trabalha e 1/5 dos jovens vive com menos de R\$700 por mês.



Distribuição Proporcional por Renda Familiar



As maiores proporções de jovens que trabalham são encontradas na Asa Norte (50,5%) e no Lago Norte (48%). Em contraste, esta proporção é de apenas 35% em Sobradinho II. Taguatinga (13%), Planaltina (11.5%) e Samambaia (9%) são as cidades com o maior número de rapazes e moças vivendo com um salário mínimo. Na Asa Sul e no Lago Norte nenhum jovem reportou esse nível de rendimento pessoal.

Não há uma diferença significativa entre a quantidade de jovens que disseram nunca ter trabalhado das classes A/B e C, ambas com 2%. No entanto, essa proporção aumenta significativamente no caso das classes D/E, chegando a quase 8% dos jovens. A relação se inverte para as proporções de jovens que reportaram estar trabalhando atualmente. Os índices das classes C e D/E são estatisticamente os mesmos ou aproximadamente 38%; no entanto, para as classes A/B, aumentam para 45%. Trocando em miúdos, quanto melhor a condição financeira de uma pessoa, maior sua empregabilidade e maior as chances de continuar vivendo bem.

Considerando a cor da pele, as maiores proporções de jovens que vivem em residência com renda mensal entre R\$350 e R\$700 estão entre os negros (19%) e pardos (17%). Menos de 10% do grupo branco vivem com famílias com renda mensal nesta faixa. Uma tendência inversa é relacionada à percepção dos entrevistados sobre a perspectiva de futuro dos próprios pais. Cerca de 65% dos jovens brancos acreditam que os responsáveis têm potencial para um bom futuro. Para as demais cores, a proporção é descendente: 61% para os pardos e 52%

para os negros. A cidade com a menor propensão de expectativa favorável no futuro é Planaltina, com aproximadamente 45% de respostas afirmativas.

A relação com os pais foi outro ponto abordado pela pesquisa. As quatro cidades onde existe a maior falta de participação dos genitores na resolução de problemas dos filhos são: Samambaia (17.5%), Sobradinho II (16.0%), Taguatinga (15.5%) e Sobradinho (15.5%).

Questão de pele

A maioria dos jovens entre 18 e 24 anos do DF se autodenomina de cor branca e parda, respectivamente com 32,6% e 37,1%. A distribuição de jovens de cor negra é claramente distinta entre as cidades participantes da pesquisa. A proporção de jovens negros varia de 0%, no Lago Norte, até 25% em Sobradinho II. Já a proporção de "brancos" aumenta significativamente no caso do Lago Norte, atingindo quase 35%, e diminui em Sobradinho II para menos de 20%. As maiores proporções de jovens auto-declarados brancos são encontradas nas Asas Sul e Norte, com 60% e 50% dos jovens. Os jovens de classe C/D/E foram os que mais afirmaram ser de cor negra, com 19% e 18% do total de respondentes para cada grupo, respectivamente. Esta relação se inverte no caso de jovens que reportam ser de cor branca, a maior proporção está entre jovens da classe A/B (44%).

Longe da universidade

Os 18 anos marcam não só a maioridade penal na vida de um jovem. Com essa idade, espera-se que ele tenha concluído o ensino médio e decidido se fará ou não um curso superior. Os 24 anos marcariam o recebimento do canudo e a entrada no mundo profissional. Mas não é isso que acontece no Distrito Federal. Segundo a pesquisa encomendada pela CAIXA SEGUROS, apenas 57,3% dos jovens entre 18 e 24 anos da capital do país estão cursando ou já completaram o ensino médio. Uma proporção significativa reporta estar estacionada no primeiro grau (14,9%). Apenas os 27,8% restantes estão frequentando ou já concluíram uma faculdade.

Em relação ao quesito escolaridade, existe uma grande discrepância entre as classes sociais. A proporção de jovens das classes A/B que reportaram ter o nível escolar superior incompleto supera os 40%. Já nas classes C e D/E esses percentuais são bem menores: 9% e 2%, respectivamente. Esta relação se inverte quando o indicador analisado é a não conclusão do ensino fundamental. Nesse caso, mais de 30% fazem parte das classes D/E, aproximadamente 14% estão na classe C e apenas 4% nas classes A/B.

Para os jovens que reportam estar atualmente estudando, mais uma vez percebe-se uma significativa diferença percentual ligada às classes A/B (65%), C (40%) e D/E (24%). A tendência se mantém no caso dos jovens que reportaram já terem sido reprovados pelo menos uma vez na vida – aproximadamente 40% para jovens das classes A/B e mais de 60% para as classes C e D/E.

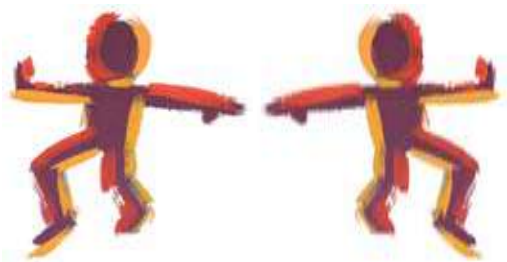
A frequência de mudança de escola, entre quatro e seis vezes (considerada alta), é maior entre os jovens negros (32.5%). Não há diferença estatística entre pardos e brancos. Ambos apresentam uma proporção de repetência de aproximadamente 21%.

Vizinhança desconhecida

Os jovens não se conhecem na capital do país. Conforme mostra a pesquisa “Determinantes da violência interpessoal entre jovens no Distrito Federal”, a realidade da juventude do Plano Piloto é muito diferente da vivenciada pelos garotos e garotas das cidades satélites. Essa disparidade vai muito além da desigualdade econômica e passa pela maneira como eles encaram o sexo, pela facilidade do acesso às drogas, pela relação com a escola e até mesmo pela frequência do pensamento suicida.

“A segregação sócio-econômico-espacial está criando guetos no DF”, avalia a coordenadora do Núcleo de Estudos Urbanos e Regionais da Universidade de Brasília, Ana Maria Nogales. “A juventude do Lago Norte não imagina como é a realidade da juventude da periferia e vice-versa.” Essa falta de conhecimento sobre a realidade do outro diminui a solidariedade e nos prende aos nossos próprios problemas. Isso é ruim para a sociedade como um todo, impactando no aumento da violência.

Uma maneira de combater o problema, segundo a pesquisadora, é promover a integração entre escolas de cidades distintas. O intercâmbio cultural aumentaria as perspectivas dos alunos sobre a vida fora do seu círculo social. Por fim, Nogales lembra que os números da pesquisa da CAIXA SEGUROS não devem ser analisados friamente. “Por trás deles existem seres humanos”, afirma. “Cabe a nós ir mais além e enxergar as histórias de vida por trás das estatísticas”.





METODOLOGIA

Para atingir os objetivos propostos pelo estudo, foram realizadas entrevistas com uma amostra de 1.067 jovens, de 18 a 24 anos, residentes e domiciliados em oito Regiões Administrativas (RA) do Distrito Federal: Plano Piloto (Asa Norte e Asa Sul), Lago Norte, Taguatinga, Ceilândia, Samambaia, Sobradinho, Sobradinho II e Planaltina. Essa amostra é representativa para todo o DF. Os entrevistados foram selecionados por meio de critério probabilístico que garantiu a todos os indivíduos chances iguais de serem selecionados para a pesquisa.

O método de amostragem utilizada (Probabilística por Conglomerados) permite segurança na generalização dos dados coletados para todos os elementos da população pesquisada, dentro de um intervalo de confiança de 95% e uma margem de erro máxima de $\pm 3\%$ para os resultados.

O questionário da pesquisa comportou 56 questões, subdivididas em 114 itens que abordam sete grupos de Variáveis Independentes (VI) e dois grupos de Variáveis Dependentes (VD). Variáveis Independentes são as que podem influenciar ou explicar, em maior ou menor grau, a ameaça ou o ato de violência entre jovens, no DF. Essas foram divididas em sete grupos e compreendem fatores: pessoais; de mídia; do ambiente doméstico; do ambiente escolar; de trabalho; da comunidade; e de religião. As Variáveis Dependentes são, nesse caso, as relacionadas à Violência Interpessoal. O primeiro grupo é composto por ameaças realizadas, sofridas e testemunhadas, enquanto o segundo, por atos de violência realizados, sofridos e testemunhados. O rigor em todas as etapas de trabalho, desde antes da coleta dos dados, garantiu um baixo número de respostas inconsistentes e respostas omissas.

Este estudo obedeceu a padrões rígidos de investigação científica já a partir da pesquisa e do planejamento que o antecederam. A revisão de literatura mostrou que os estudos sobre violência estão centrados na vitimização e não na promoção da saúde, ou seja, há um leque considerável de dados focados no problema já ocorrido, como as mortes e os outros flagelos resultantes desse comportamento. No plano de pesquisa que estruturou a coleta de dados, foram realizadas as seguintes atividades: a) revisão bibliográfica sobre o tema; b) definição conceitual da linha de violência a ser seguida – interpes-

soal, com foco na promoção da saúde; c) definição da população-alvo, da área geográfica e da abrangência; d) elaboração da justificativa e dos objetivos do projeto; e) levantamento e seleção das determinantes independentes e dependentes a serem investigadas; f) conclusão das questões fundamentais a serem respondidas ou hipóteses; g) definição dos tipos e das etapas de pesquisa; h) elaboração do plano de coleta e análise dos dados, assim como o formato de sua apresentação. Por fim, foram estipulados os aspectos éticos da pesquisa a serem observados e feitas as avaliações críticas dos riscos em relação aos objetivos do estudo.

ANÁLISE DE DADOS

As análises dos dados foram aplicadas a quatro produtos específicos, conforme dispostos a seguir:

Proporção - primeiro nível de análise, engloba os percentuais das variáveis dependentes e independentes, atingindo um nível panorâmico das determinantes investigadas.

Propensão - demonstra a verdadeira tendência de um determinado subgrupo manifestar uma determinada característica ou comportamento em relação a outros subgrupos populacionais. Enquanto a diferença proporcional reflete apenas um indicador absoluto de respostas positivas para um determinado subgrupo, a Propensão aplica uma relação direta entre a tendência a responder afirmativamente a uma determinada questão entre um subgrupo e outro.

Correlação - neste estágio, verificam-se as relações intrínsecas às determinantes de violência. São analisadas as relações entre as variáveis, como os atores, os locais ou as formas de violência, inclusive na investigação, para ameaça, testemunho ou prática de atos violentos. Este produto demonstra as principais correlações entre diversos níveis de violência, incluindo agentes, vítimas, local e arma utilizada na agressão.

Regressão - este nível mostra como um trabalho investigativo científico pode não apenas fornecer dados sobre a situação presente, mas projetar a influência das variáveis independentes nas dependentes em um determinado período de tempo. São sete os grupos de fatores determinantes que influenciaram a análise: 1) pessoal/comportamental; 2) familiar/residencial; 3) Nível escolar/escolaridade; 4) Nível comunitário/serviços públicos; 5) trabalho/renda; 6) mídia; e 7) religião/religiosidade; nas determinantes de violência.

Realização

Grupo CAIXA SEGUROS

Supervisão

Sany Silveira

Alice Margini Scartezini

Cilma Azevedo

Coordenação Técnica: John Snow Brasil Consultoria

Miguel Barbosa Fontes (coordenador-geral da pesquisa)

Rodrigo Laro (pesquisador assistente)

Coordenação da Coleta de Dados: Opinião Consultoria

Alexandre de Araújo Garcia

Carlos André Almeida Machado

David Duarte Lima

Lucyara Franco Ribeiro

Marco Antônio Ciciliati

Equipe de campo:

Adriana Amarante; Ana Carolina A. L. Sala; Ana Paula P Santos; André Cardoso dos Santos;

Bibiana Coelho Monteiro; Camila Maria Gomes Damasceno; Christiane Melo Marândola;

Cláudio Emanuel M. L. de Melo; Gabriela Brasil Nascimento; Geralda de Fátima Ferreira;

Gildenia Flores de Oliveira; Guilherme H. Peixoto; Ilvando Braga Fernandes;

Isabela Gonçalves Cassimiro; Juliana Delgado Laranjeira; Kleber P. Guimarães de Oliveira;

Lígia de Miranda Seabra; Luciana Abadia Honorato; Luciene Pires de Araújo;

Luisa de Lemos Santos; Lusilene M. Ferreira; Luzia Veríssimo Teixeira;

Márcio de Rezende Silva; Maria Clara Alves Mamedes; Maria Inês Avelar Guedes;

Michele A. Vieira; Priscila Alves Fernandes

Textos: Informe Comunicação e Marketing

Redação: Guaíra Flor

Diagramação e Arte-Final



Realização:

CAIXA
SEGUROS

Coordenação técnica:



Apoio Institucional:



Apoio técnico:



www.caixaseguros.com.br